# As aventuras de George e Alípio pelo litoral do Brasil

Magali Romero Sá
Marcelo Ribeiro de Britto
Paula Habib

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

ideiaD

# As aventuras de George e Alípio pelo litoral do Brasil

**Magali Romero Sá**
**Marcelo Ribeiro de Britto**
**Paula Habib**

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

ideiaD

Copyright © 2018 dos autores

Todos os direitos desta edição reservados aos autores

Este livro foi produzido e impresso com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ. Edital n. E-26/102.326.2013.

Capa, projeto gráfico e produção editorial
*Ideia D – www.ideiad.com.br*

Ilustrações
*Walter Vasconcelos*

Revisão e padronização editorial
*Miriam Junghans*

Catalogação na Fonte – Débora Koshiyama CRB-15/284

S111a Sá, Magali Romero.

As aventuras e George e Alípio pelo litoral do Brasil / Magali Romero Sá, Marcelo Ribeiro de Britto, Paula Habib; ilustrações de Walter Vasconcelos. – Rio de Janeiro : FAPERJ ; Ideia D , 2018.

20 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-5731-004-9

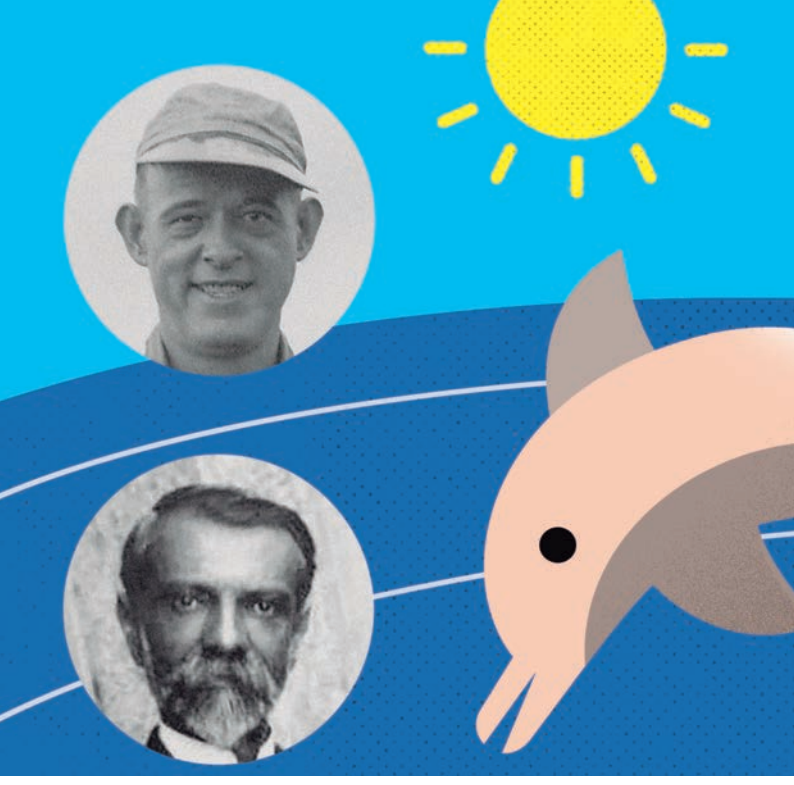
1. Museu Nacional – Brasil. 2. Divulgação cultural - Museus. 3. Peixes – Literatura infantojuvenil. I. Britto, Marcelo Ribeiro de. II. Habib, Paula. III. Vasconcelos, Walter. IV. Título.

CDD – 708.81
0005 CDU – 069 (81)

Casa de Oswaldo Cruz/Vice-Diretoria de Pesquisa e Educação
Av. Brasil, 4365, prédio do CDHS
21040-900 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel./Fax: +55 (21) 3865-2121
magali.sa@fiocruz.br
www.coc.fiocruz.br

*Para Lucca Nunan, que*
*com seu lindo sorriso chegou*
*para nadar com os peixinhos*
*no oceano infinito.*

*Para o meu pequenino*
*cardume, Iuri e Nina Britto.*

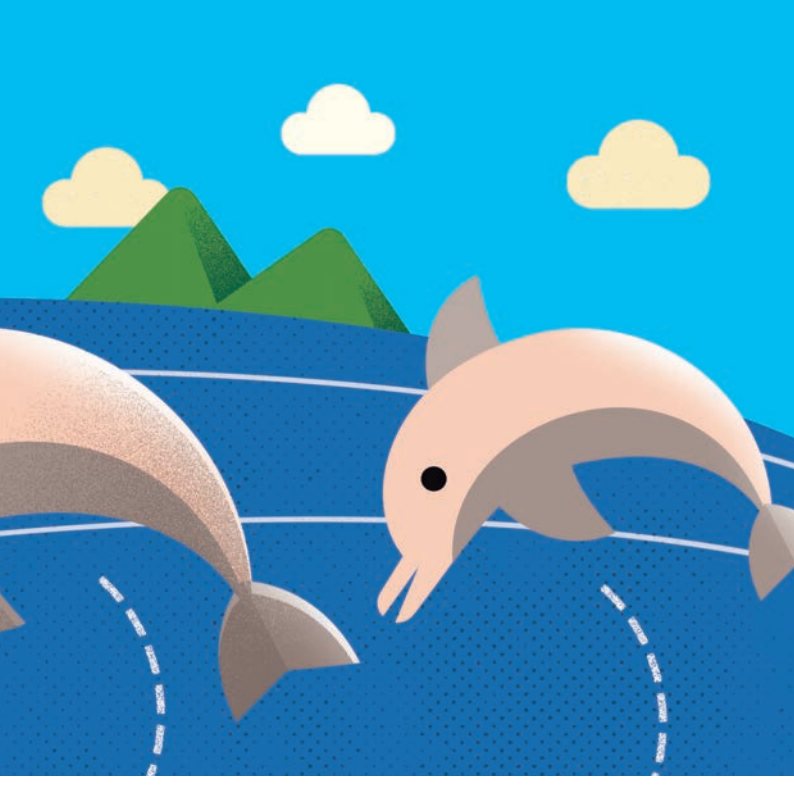


– Uau! Que lindo dia de sol! Que bonita a baía da Guanabara! Olha os golfinhos pulando! Puxa, as tainhas estão pulando e ...! disse George ao desembarcar no cais do porto, na praça Mauá.

Enquanto George caminhava, um senhor se aproxima dele.

– Boa tarde, senhor George e seja bem-vindo ao Rio de Janeiro.

– Obrigado! Já nos conhecemos? perguntou George, intrigado, ao simpático senhor.



– Desculpe não me apresentar. Meu nome é Alípio, sou pesquisador do Museu Nacional e vou levá-lo para conhecer nosso museu e nossa diretora.

– Ah, sim, prazer, Alípio! Vamos andando porque estou muito curioso para conhecer o Museu Nacional e sua coleção de peixes.

O cientista brasileiro e o cientista norte-americano entram em um táxi rumo ao Museu Nacional.

– Chegamos, disse Alípio para George quando o táxi parou no portão da Quinta da Boa Vista.

– Muito bonito este parque, disse o pesquisador norte-americano.

Enquanto andavam em direção ao Museu Nacional, Alípio contou um pouco da história da Quinta da Boa Vista e da construção do prédio.

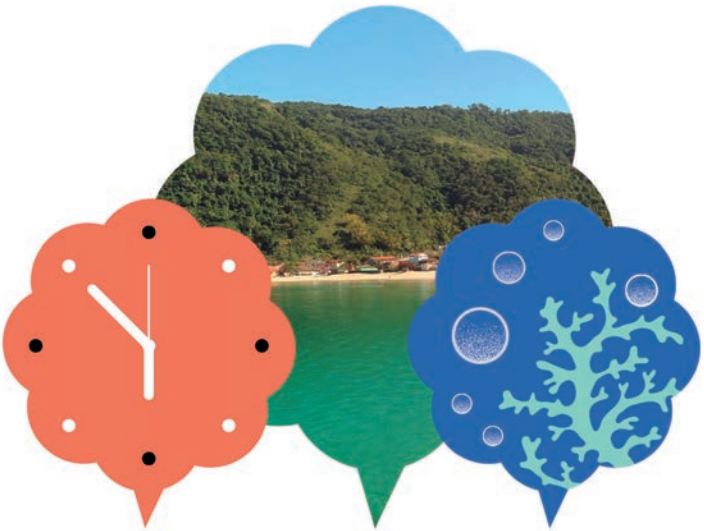
George sobe as escadas da entrada do Museu Nacional admirando toda a beleza do prédio.

Na sala principal, George é recebido com um abraço caloroso pela diretora do Museu Nacional.

– Seja bem-vindo, George, falou Heloisa Alberto Torres. É muito bom ter um ictiólogo (especialista em peixes) de outro país conosco!

– Muito obrigado, Dra. Heloisa! Estou muito feliz em estar aqui. Vamos falar sobre peixes?

O Museu Nacional é uma instituição de pesquisa, ensino e extensão nos campos das ciências naturais e antropológicas, com destacada atuação na formação de recursos humanos, do ensino fundamental à pós-graduação. Criado por decreto real em 1818 como Museu Real, o Museu Nacional atravessou momentos importantes da história brasileira, como a Independência e a Proclamação da República. Inaugurado com pouquíssimos funcionários, reunindo coleções e equipamentos diversos, possui hoje os departamentos de Antropologia, Botânica, Entomologia, Geologia & Paleontologia, Invertebrados e Vertebrados, que compõem o núcleo de ensino, pesquisa, extensão e guarda de coleções da instituição. Após 200 anos de existência, o Museu Nacional possui um imenso e singular acervo de história natural e antropologia que cresce continuamente. Grande parte desse acervo se origina da atuação de seus pesquisadores e funcionários em esforços diretos de coleta e amostragem, e também de colaborações internacionais, no âmbito individual, por meio de parcerias em pesquisa, e por intermédio de convênios interinstitucionais.



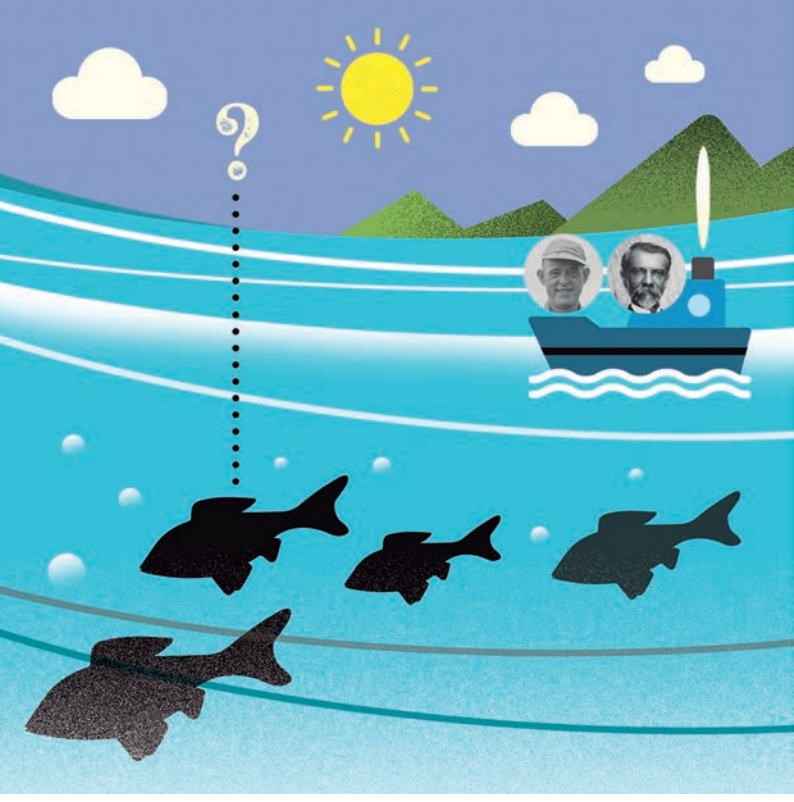
O pesquisador norte-americano e a diretora do Museu Nacional, junto com o pesquisador Alípio e outros cientistas, conversaram por muito tempo. Heloisa e Alípio aproveitaram para apresentar a George a coleção de peixes e os estudos que eram feitos no museu e em outros lugares do Brasil.

Depois de muita conversa sobre peixes, Alípio convida George para viajar até a Ilha Grande para mergulhar.

– Lá na ilha o senhor terá oportunidade de conhecer várias espécies de peixes do litoral brasileiro, falou Heloisa.

– Sim. Conheço muito bem a ilha e adoro nadar com os peixes, disse Alípio.

– Então vamos para a Ilha Grande!, falou George.



– Quem são esses dois aí em cima? perguntou Baltazar, um dos peixes que, com seus amigos Alba, Ernesto e Raquel, acompanhava o barco.

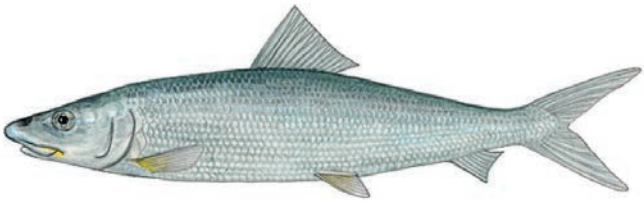
– Acho que um deles não é brasileiro porque tem o sotaque diferente, disse Alba.

– Eles pesquisam a gente, disse Ernesto.

– Como assim pesquisam a gente? perguntou Raquel.

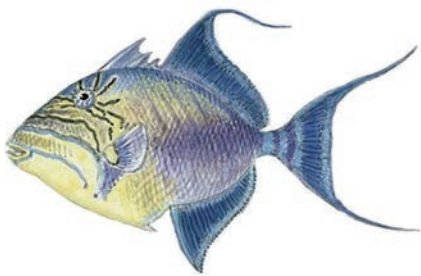
– Eles são ictiólogos, pesquisam as diferentes espécies de peixes, respondeu Baltazar.

– Aham, responderam todos em coro.



Alba – Seu nome científico é o *Albula vulpes* (Linnaeus, 1758), e pertence a família dos albulídeos (Albulidae). Popularmente conhecida como ubarana-focinho-de-rato, mas também chamada de flecha, peixe-rato, juruna, entre outros nomes. Vive em águas tropicais com distribuição do sul da Flórida nos Estados Unidos ao sul do Brasil, ocorrendo também na África. Pode chegar a pesar dez quilos e a 104 cm de comprimento. Alimenta-se de invertebrados.

Fonte: https://www.fosaf.org.za/guide-onshore-saltwater.php



Baltazar – conhecido cientificamente como *Balistes vetula* (Linnaeus, 1758), e popularmente como cangulo, pertence à família Balistidae. É encontrado do sul do Canadá até Santa Catarina, no Atlântico ocidental. Vive em fundos rochosos e coralinos, e também em regiões de cascalho, areia ou algas, normalmente entre um e cinquenta metros de profundidade .

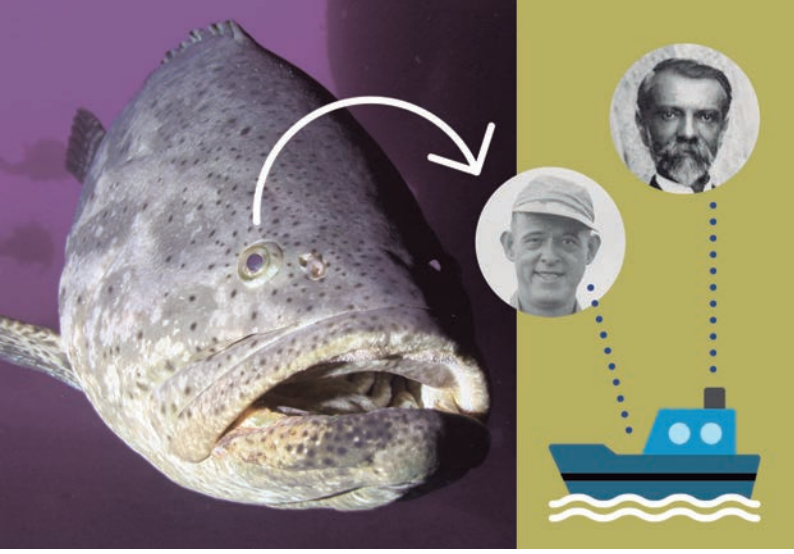
Fonte: http://identifyfish.blogspot.com/search?q=Balistes+vetula+

Ernesto – *Epinephelus itajara* (Lichtenstein, 1822), é um membro da família Serranidae e o maior dos representantes dessa família no Atlântico, podendo chegar a pesar 455 kg. Conhecido popularmente como mero, é também chamado de mero-preto, canapu e canapuguaçu. Habita geralmente águas tropicais e subtropicais no Oceano Atlântico da Flórida ao Brasil (até Santa Catarina). É também encontrado no Pacífico oriental do golfo da Califórnia ao Peru, no Atlântico oriental de Senegal ao Congo.

Fonte: https://www.flickr.com/photos/28365950@N03/7465613748. Foto: Karen Honeycutt, 2012.

Raquel – *Rachycentron canadum* (Linnaeus, 1766), é uma espécie de grande porte, oceânica e migradora, de grande distribuição geográfica. É encontrada em todos os oceanos exceto no leste do Pacífico. Habita toda a costa brasileira em áreas costeiras e em alto-mar. Conhecida popularmente como bijupirá, cobia ou parambijú, entre outros nomes, pode atingir dois metros de comprimento e pesar até oitenta quilos.

Fonte: Kawahara Keiga, Siebold Collection, Naturalis Biodiversity Center / Wikimedia Commons.



– O homem com sotaque diferente veio conhecer os peixes que ocorrem no Brasil, como nós; aprender sobre os nossos hábitos, como nos reproduzimos, o que comemos e como nos relacionamos com nossos parentes, explicou Ernesto.

– Então eles vão viajar pelo litoral do Brasil? perguntou Alba.

– Sim, respondeu Baltazar.

– Vamos acompanhar os dois ictiólogos? perguntou Raquel.

– Vamos! entusiasmaram-se os quatro amigos peixes.

Depois de conhecerem a Ilha Grande, George e Alípio navegaram rumo ao Nordeste brasileiro e Alba, Baltazar, Ernesto e Raquel continuaram a acompanhar os dois cientistas.

– Raquel, você reparou que na Ilha Grande seu nome é bijupirá, mas aqui em Salvador você também é chamada de pirabijú? perguntou Ernesto.

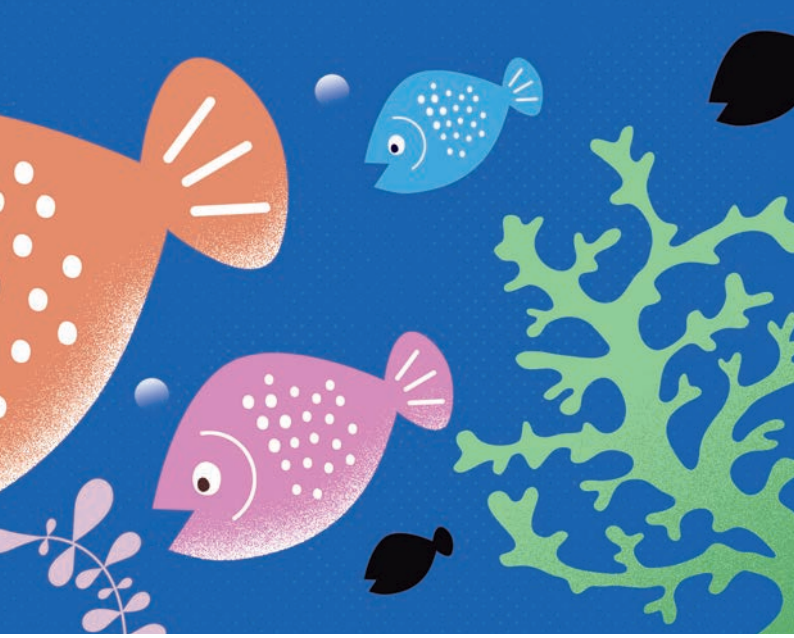
– Percebi sim, Ernesto. Como será meu nome lá em Salvador? perguntou Baltazar.

– Ah, essa eu sei! Lá você também é chamado de peroá, afirmou Alba.

– E você também é conhecida como juruna em estados do Nordeste, falou Raquel para Alba.

– Nossa, que legal! Somos conhecidos por diferentes nomes nos estados brasileiros.

Enquanto os peixes seguiam a embarcação de Alípio e George, os cientistas conversavam sobre a diversidade



dos peixes brasileiros. George notou que muitas espécies de peixes que viviam no Brasil também eram encontradas no litoral do seu país, os Estados Unidos.

– Estou encantado com o que pude conhecer sobre a fauna de peixes aqui no Brasil.

– Sim, nossa fauna e nossa flora são muito ricas, afirmou Alípio.

– Pena que não posso ficar mais tempo pesquisando os peixes marinhos, preciso voltar para os Estados Unidos. Então acho que minha aventura pela costa brasileira chegou ao fim, disse George em tom triste.

– Ah, que pena, meu amigo... Espero que você tenha gostado das semanas que passou aqui no Brasil, falou Alípio.

– Volte sempre que quiser. As portas do Museu Nacional estarão abertas para você e seus amigos cientistas, afirmou Heloisa Alberto Torres.

– Muito obrigado. Voltarei, com certeza!

O cientista norte-americano embarcou no navio que o levaria novamente para a sua terra, feliz com as coisas que aprendeu e com as aventuras que viveu aqui no Brasil. George também ficou muito impressionado com os cientistas brasileiros e com os novos amigos que fez no Brasil.

**HELOISA ALBERTO TORRES**, antropóloga, nasceu em 17 de setembro de 1895, na cidade do Rio de Janeiro, filha de Alberto Torres e Maria José Xavier da Silveira. Aos 22 anos ingressou no Museu Nacional trabalhando com outro antropólogo, Edgar Roquette-Pinto, e logo chamou atenção com suas pesquisas. Fazendo excursões científicas ao norte do país, Heloisa se tornou especialista na cultura Marajoara. Em sua carreira no Museu Nacional foi chefe da Seção de Antropologia e Etnografia, vice-diretora e depois diretora da instituição entre 1937 e 1955. Como diretora, Dona Heloisa (como era conhecida), trouxe para o Museu Nacional pesquisadores de diversas nacionalidades, impulsionando e revitalizando a pesquisa em diversas áreas do conhecimento. A ictiologia (estudo dos peixes) foi uma delas. Durante sua diretoria vieram para o Brasil os ictiólogos norte-americanos George Sprague Myers e William Gosline. Heloisa, após uma vida ativa lutando pela ciência nacional, pelos indígenas e pelo patrimônio cultural, faleceu em 23 de fevereiro de 1977 aos 81 anos.

**GEORGE SPRAGUE MYERS**, ictiólogo, nasceu na cidade de New Jersey, Estados Unidos, em 2 de fevereiro de 1905. Ainda jovem, teve seu interesse pelos peixes despertado quando visitou uma exposição na Sociedade de Aquariofilia. Trabalhou entre 1922 e 1924 como assistente voluntário no Museu Americano de História Natural, em Nova Iorque, e entre 1924 e 1926, como assistente do ictiólogo Carl Eigemann na Universidade de Indiana. Assim que se doutorou, na Universidade de Stanford, na Califórnia, em 1933, Myers passou a trabalhar como curador assistente de peixes no Museu Nacional de História Natural dos Estados Unidos em Washington (o mesmo que aparece no filme "Uma noite no museu 2"). Em 1936 retornou à Universidade de Stanford como professor associado. Em 1942 foi convidado por Heloisa Alberto Torres para dar cursos e contribuir com a ictiologia no Museu Nacional. Com a diretora do museu Myers desenvolveu um programa de pesquisa sobre peixes de importância comercial da costa brasileira. Essa parceria do Museu Nacional com a Universidade de Stanford durou até 1955. Myers publicou muitos artigos sobre ictiologia e herpetologia (ramo da zoologia que estuda répteis e anfíbios) e foi também um entusiasta da aquariofilia. Muito considerado por seus alunos e por profissionais da área, Myers se tornou um dos principais ictiólogos norte-americanos. Faleceu na Califórnia em 4 de novembro de 1985 aos 80 anos.

**ALÍPIO DE MIRANDA RIBEIRO**, ictiólogo, nasceu em Rio Preto, Minas Gerais, em 21 de fevereiro de 1874. Filho de Theotônio Victor Sayão de Miranda Ribeiro e de Josephina Mascarenhas de Miranda Ribeiro, Alípio veio ainda jovem para o Rio de Janeiro, para concluir seus estudos. Entrou para o Museu Nacional em 1894, aos 20 anos, como preparador interino da Seção de Zoologia. Em 1897, aos 23 anos, foi efetivado por concurso como naturalista da instituição. Tornou-se especialista em peixes e anfíbios, publicando muitos artigos sobre diversos grupos zoológicos, principalmente sobre a fauna de peixes do Brasil. Participou de importantes expedições científicas, como a Comissão Rondon entre 1908 e 1910. Responsável pela fundação da Inspetoria de Pesca, foi seu primeiro diretor, entre 1911 e 1912. Miranda Ribeiro foi um dos mais importantes pesquisadores que o museu teve durante a primeira metade do século XX, sendo reconhecido e respeitado por pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Faleceu em 8 de janeiro de 1939 aos 64 anos.

## Bibliografia


MENEZES, Naércio A.; FIGUEIREDO, José Luiz.
*Manual de peixes marinhos do Sudeste do Brasil. IV. Teleostei (5).* São Paulo: Museu de Zoologia/Universidade de São Paulo, 2000.

NOVAES, Lais Ferreira.
*Estrutura genética de populações da espécie de Rachycentron canadum, por meio de marcadores ISSR*. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) – Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2015.

NUNAN, Gustavo Wilson.
*Composition, species distribution and zoogeographical affinities of the Brazilian reef-fish fauna*. Tese (Doutorado em Ciências Marinhas) – University of Newcastle upon Tyne, Inglaterra, 1992.

RIBEIRO, Alan Marques.
*Idade e crescimento do peroá, Balistes vetula, Linnaeus, 1758 (Teleostei: Balistidae) da costa central do Brasil.* Monografia (Bacharelado em Oceanografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

SANCHES, Eduardo Gomes; TOSTA, Gitonilson Antônio Moreira, SOUZA-FILHO, José Jerônimo.
Viabilidade econômica da produção de formas jovens de bijupirá (Rachycentron canadum). *Boletim do Instituto de Pesca*, v. 39, n.1, p. 15-26, 2013.

ISBN 978-85-5731-004-9